

ENSAIO VISUAL

Reflexão sobre
a paisagem do nascimento
de uma terra desolada

Ludgero Almeida



1. Conversações e maus costumes - Faculdade de Filosofia. Carvão e óleo sobre tela. 70x100 cm. 2017



2. Despertar ante a invasão - Faculdade de Filosofia.

Carvão e óleo sobre tela. 70x100cm. 2017

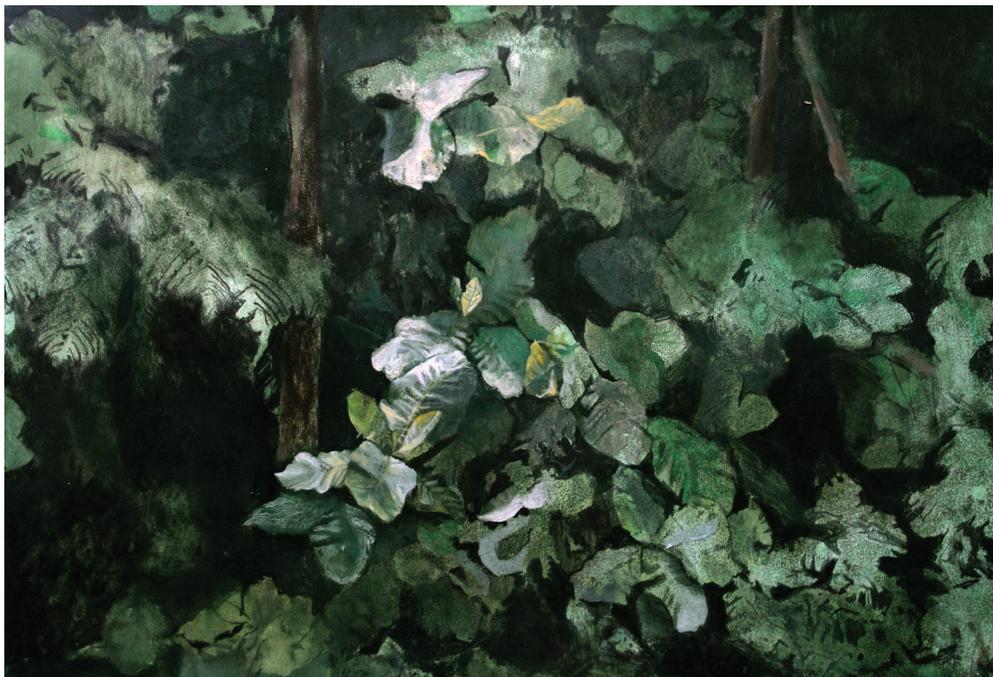


3. Sofá e letargia - Faculdade de Filosofia.
Carvão, acrílico e óleo sobre tela. 55x75cm. 2016



4. Uma palavra sobre o domínio do mundo - comício Prestes.

Acrílico sobre tela. 80x140cm 2017



5. Sobre a obscenidade da selva.

Óleo sobre papel. 55x75cm. 2016



6. Sobre voos e deslocções.
Óleo sobre tela. 60x60cm. 2017



7. Diligências e adorações.
Óleo sobre tela. 50x70cm. 2017



8. Ciência de uma terra desolada - expedição à montanha.

Acrílico sobre papel. 50x70cm. 2016



9. Do Roraima ao Orinoco; cenografia para índio.

Acrílico sobre papel. 55x75cm. 2015



10. Ciência de uma terra desolada - como vivem os bichos. 1.8.

Acrílico sobre papel. 70x100cm. 2016

Reflexão sobre a paisagem do nascimento de uma terra desolada

LUDGERO ALMEIDA

SAMUEL JOSÉ GILBERT DE JESUS

As imagens vindas das colônias americanas e chegadas por mar à Europa – os desenhos, os estudos científicos, os relatos dos exploradores e dos naturalistas –, criaram um imaginário na mente dos europeus e alimentaram ao longo dos séculos uma insaciável sede de notícias. O mundo – que outrora nos parecia tão pequeno, e cujas lendas o cobriam de um terror imensurável – aumentava agora de tamanho, recuando cada vez mais os limites dessa finisterra, e um novo território esplendoroso e vasto abria-nos o horizonte e brindava-nos com uma utopia. Uma utopia que se construiu pouco a pouco, passando pelo deslumbramento de Lorenzo de Médici com as árvores da América, árvores que ele descrevia “[...] de tanta beleza e tanta suavidade que nos sentíamos estar no paraíso terrestre [...]”(GALEANO, 1976, p. 25), os relatos de Colombo e seu fascínio com a “gente mui formosa” e “bastante mansa” do Caribe (GALEANO, 1976, p. 25), até o tão sonhado Eldorado – o monarca de ouro com suas ruas de ouro e as minas que não se esgotam jamais.

Um quadro imaginário, repleto de animais esplêndidos e uma paisagem virgem, cruel e difícil, mas bela e cheia de possibilidades. Eram relatos vagos, mas de um encantamento onírico único. Os exploradores interessaram-se pela identificação e taxonomia dos seres vivos, pela etnografia do índio e a sua mitologia, criando assim estruturas fundamentais para a compreensão do que até então parecia tão distinto e incompreensível. A iconografia produzida pelos naturalistas explorou o reino animal e vegetal. Eles trouxeram-nos em profundidade todo um novo universo de formas e feições, um encantamento que fascinou o europeu, que o fez imaginar também, sonhar quiçá, um reino que já não mais estivesse nos céus, mas bem

presente na terra. Entretanto, os resultados dessas imagens e relatos nem sempre foram fidedignos e muitas delas estereotiparam culturas, deram aos europeus um olhar falacioso e preconceituoso do que lá acontecia.

Os antropólogos, que se encontravam à distância de 10 mil quilômetros, numa biblioteca de Londres ou em outra grande capital, liam as cartas enviadas pelos jesuítas e pelos colonos, e delas tiravam o suco para reler esse território. Mas tanto as cartas quanto os relatos, profundamente questionáveis no rigor e na transparência, influenciados por inclinações econômicas, ganâncias e lucros, propensões religiosas, uma cultura ocidental secular ainda velada dos medos e dos pavores à diferença, influenciaram e determinavam olhares por vezes ingênuos, em todo o caso estabelecendo práticas e linguagens excludentes e agressivas para com esse território e culturas encontradas. Este processo replicou-se em muitos casos e instaurou-se de tal modo no devir da cultura brasileira que definiu impreterivelmente a sua contemporaneidade. O que sobrou como maior trecho da memória reuniu um conjunto de pequenos sedimentos fragmentados incapazes de serem aglutináveis, desconjuntados por placas espessas e impenetráveis, feitas de anos e mais anos de exploração, e levou até um dilaceramento irreversível de culturas e de vidas.

Se a imagem existe dentro de um carácter epistêmico do conhecimento, ela é também, como um meio, uma virtualidade que pode ser fraudulenta, e sua relação com o real dúbia, ajudando a construir um edificado histórico repleto de rachaduras, tensões e desequilíbrios. Esta arquitectura que construímos no tempo, a qual designamos de história, é feita destes elementos frágeis, tijolo sobre tijolo, postos e repostos, destruídos, reconstruídos e são eles que, desde o começo, instituem e consolidam, querendo ou não, a actualidade brasileira. O Brasil é hoje uma réplica dessa força histórica, não diria como farsa, mas como desdobramento efetivo. Fabrica-se daquilo que na história ficou cristalizado pela resina amarelada, semi-translúcida que permite que se lhe veja, só parcamente, o interior. Mas sua falta de nitidez, sua complexidade, fragilidade e discrepância não são impeditivos absolutos para que se lhe perceba o fundo e para que caiamos, caso nos queiramos embrenhar e imbuir dessa vontade, num vórtice sem fim e até, sem retorno, pois dele sairemos transformados, excessivamente diferentes, no sangue e na visão.

Ante os contornos do Brasil de hoje, sua efervescência social e política, suas inquietações extremadas dispostas no tecido público com uma febre colossal, sua catatonia que o

deixa inoperante, rígido e mudo, não nos poupa senão operar com sentimento de responsabilidade uma luta para com o senso comum, dissecar os meandros da história, olhando-a em perspectiva. À medida que cruzarmos nosso olhar na miríade do tempo e atravessarmos além da epiderme espessa, passaremos a conceber a história com um prumo e abrangência maior, distinguindo e decodificando entre as diferentes linguagens, práticas, imagens, símbolos aquilo que delas nos parece mais verossímil ou não, aliviando o descaso com o qual a história tratou grosseiramente populações inteiras. Não se trata, no entanto, da procura pela verdade, mas de complexificar a realidade percebida.

Embora grande parte das civilizações tenham aceitado dogmas, produzido “verdades universais”, crenças fundamentais e forjado ideologias como modelos, o que é um processo natural na construção social, aquilo que é considerado factual, objectivo e definitivo encontra-se, juntamente com as mudanças culturais e sociais, transmutado em uma velocidade assustadora, de forma que a verdade de hoje já se torna caduca amanhã. O conceito de pós-verdade utilizado para descrever a sociedade de hoje e que se refere à propagação da mentira por uma sociedade não mais capaz de atentar para os factos, deixando-se mais atenta às suas emoções, não é um conceito exclusivo da pós-modernidade, nem é próprio de uma sociedade de consumo. Sempre estivemos dispostos a esquecer as circunstâncias para que nossas paixões ideológicas, nossas crenças e supertições nos fizessem sentido, utilizando-nos muitas vezes do engodo e do artifício. A diferença que existe atualmente quando se precisa repensar, reavaliar essa veracidade na era da pós-modernidade, diz mais respeito às formas de circulação da informação através de mecanismos tecnológicos especializados e por uma sociedade globalizada, articulada e com uma impulsividade frenética nos trâmites de imagem, texto, notícia, opinião etc. Essa situação que faculta que o indivíduo comum, para além de agente – que vê e que ouve –, tenha hoje capacidade de fala, de discorrer e expressar-se, destaca de maneira mais evidente ainda as subjectividades das relações que se estabelecem entre sujeitos e objetos.

Por isso, hoje em dia, muito mais do que em outros períodos da história do Brasil, torna-se mais difícil trabalhar com os conceitos de história e de memória, o que exige uma atenção e um espírito crítico redobrado e exemplar, na tentativa de refletir sobre um método que possa alcançar o seu objeto, além de uma constante necessidade de se contradizer incessantemente, e em todos os aspectos. Enquanto artista estrangeiro, tentar decifrar uma história que não é minha e não foi por mim vivida equivale a sentir-se como um espectador diante de uma tela de televisão

passando “Rashomon” do Akira Kurosawa, e sabendo do crime feito por uma das personagens, tendo a me posicionar na dúvida, na incerteza e na discórdia, ouvindo um e outro, mil interpretações de um facto, todas apontando seus dedos, culpando e se vitimizando. Mas este sofá averso, do qual disponho para me sentar diante dessa tela, não é jamais um lugar de passividade e inoperância, mas sim um lugar de um espectador emancipado, numa tarefa sinuosa, de vertigem e de medo.

Referência

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Tradução Galeano de Freitas. São Paulo: Paz e Terra, 1976. p. 25.

Recebido em: 08/08/2017

Aceito em: 23/08/201

LUDGERO ALMEIDA

Ludgero Almeida é artista plástico. Ele é licenciado em Artes Plásticas, ramo

de Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal. Em 2011, ganhou a Bolsa de estudos Programa Erasmus, com intercâmbio na Faculdade de Belas Artes da Universidade Politécnica de Valência, Espanha. Ele apresentou várias exposições, entre as quais: “Como uma imagem que relampeja irreversivelmente”. Galeria Quadras Soltas, Porto, Portugal [2014]; “O dióxido de carbono e a lâmpada estroboscópica”. Galeria SILO – Espaço Cultural, Porto, Portugal [2014]; “O esquecimento de Deus”. Galeria SILO – Espaço Cultural, Porto, Portugal [2015]; “Ciência de uma terra desolada”. Galeria SILO – Espaço Cultural, Porto, Portugal [2016]. Em 2017, Ludgero Almeida foi contemplado no Edital de seleção da Galeria da Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, e no Edital de seleção de propostas de curadorias da Galeria do Centro Cultural UFG Goiás, Brasil.

SAMUEL JOSÉ GILBERT DE JESUS

Samuel José Gilbert de Jesus possui mestrado em Artes plásticas/Téoria das artes pela Universidade de Paris I, Panthéon-Sorbonne (2006), doutorado em Études Cinématographiques et Audiovisuelles pela Universidade de Paris III – Sorbonne-Nouvelle, sob a direção de Philippe Dubois, e doutorado em Comunicação pela Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010), sob a direção de Consuelo Lins. Desenvolveu um pós-doutorado em Artes Visuais, em torno da questão do corpo no limite e das suas práticas extremas nas artes contemporâneas, sob a direção de Sônia Salzstein Goldberg, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Samuel José Gilbert de Jesus é atualmente Professor Doutor em História da arte e da imagem, na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, Membro Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da FAV-UFG e Coordenador da Programação de Artes Visuais do Centro Cultural UFG.

